

A descoberta filosófica em o ovo e a galinha, de Clarice Lispector

The philosophical discovery in the egg and the chicken, by Clarice Lispector

Fabiano Antonio Rodrigues¹ – Universidade de Sorocaba

Resumo: Neste artigo, abordaremos o conto *O ovo e a galinha*, de Clarice Lispector, com o objetivo de equiparar a trajetória de sua personagem com a dos primeiros filósofos gregos. Dada a epifania decorrente do contato com o ovo e as descobertas advindas a partir daí, relacionaremos a experiência cotidiana com a daqueles que se perguntaram pela primeira vez: “qual é o sentido de tudo o que existe?”.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Descoberta filosófica, O ovo e a galinha.

Abstract: In this article we will approach Clarice Lispector's tale *The Egg and the Chicken*, in order to match the trajectory of her character with that of the first Greek philosophers. Given the epiphany arising from contact with the egg and the discoveries thereafter, we will relate everyday experience with those who first wondered "what is the meaning of all that exists?"

Key-words: Clarice Lispector, Philosophical Discovery, The egg and the chicken.

1 Introdução

Nascida em 10 de dezembro de 1920, em Tchechelnik (2015, p. 101), província Ucraniana, Clarice Lispector é tida como uma das nossas maiores escritoras, escrevendo obras consideradas de difícil assimilação. Romances como *A paixão segundo G.H* e *Perto do coração selvagem*, de cunho metafísico e existencialista, suscitam no leitor um estranhamento que talvez motive sua fama de hermética, embora ela própria refutasse essa classificação. Afinal, nos causa espanto uma personagem que, no limite de sua introspecção, decide experimentar o interior de uma barata esmagada ou a subjetividade extrema de uma narrativa

¹Graduado em Filosofia (licenciatura) pela Universidade Federal de São del Rei e Direito pela Universidade de Sorocaba. Trabalho orientado pelo Professor Doutor Rogério Antônio Picoli. E-mail: geppetho6@gmail.com.

que foge da proposta convencional de contar uma história. Ainda mais emblemática é a experiência contida no conto que abordaremos neste artigo. *O ovo e a galinha*, diferente das obras mencionadas, não possui uma narrativa ou mesmo uma sigla que nomeie a personagem-narradora. Nem completamente conto ou relato, a narrativa nos envereda por um caminho de descoberta, conferindo novidade àquilo que julgávamos conhecido e cotidiano. “O ovo” não é um ovo apenas, ou quem sabe seja, já que vivemos sempre em dúvida quanto a uma verdade almejada; quem sabe o ovo seja o mesmo do qual reconhecemos nova significação e que aqui equipararemos à descoberta filosófica. Eis o propósito do artigo, cotejar a obra de Clarice Lispector com a filosofia primeva dos filósofos pré-socráticos e com o pensamento do próprio Sócrates, de modo a contemplar vislumbres de conhecimento que ocorrem a partir das perguntas mais simples, mas providas de importantes significados, tais como: Quem veio primeiro, o ovo ou a galinha? Por que o céu é azul? Ou ainda: Qual é a origem e a matriz de todas as coisas?

2 Do ovo e as coisas que são início

É desconcertante constatar que nada sabemos de algo tão natural quando nos debruçamos de fato sobre ele. Supomos saber o que é o ovo, bem como sua composição, suas informações nutricionais, de que é feito a casca, clara e gema; no entanto, não é apenas isso, e Clarice Lispector nos insta a pensar a existência de algo a mais. A leitura de *O ovo e a galinha* é perturbadora, pois a narrativa aprofunda reflexões para além do que está escrito. Publicado pela primeira vez em 1964, esse conto integra a coletânea *A Legião Estrangeira*. Enigmático e de difícil compreensão, causou estranhamento até mesmo para sua criadora. Tido pelo crítico José Miguel Wisnik (1988, p. 287) como um tratado poético sobre o olhar, a narrativa também é de difícil classificação, já que não é unicamente nem conto nem crônica. Diante de tal indefinição, Clarice o chamou de “apenas”, alegando que não se interessava por gêneros (1998, p. 162). Para nós, essa indefinição não é um problema, tendo em vista que não nos ateremos à análise do gênero literário ou à fabulação, embora se faça necessária uma sinopse.

De manhã, a personagem inominada, uma dona de casa, vai à cozinha preparar o café da manhã para seus filhos e vê um ovo. Como se confrontada por uma criança que lhe perguntasse quem veio primeiro, o ovo ou a galinha, ou por que o céu é azul, da banalidade

cotidiana, é que ela dá início a um processo de questionamento e apreensão de conhecimento. Ressalvadas as especificidades de cada intento, ousamos comparar a surpresa da descoberta aos primeiros passos do fazer filosófico dos gregos, quando um deles se questionou de onde tudo advém e propôs que a água é a origem e a matriz daquilo que conhecemos. Segundo Nietzsche (2008, p. 10), devemos levar a sério tal proposição, ainda que hoje nos pareça ingênuo, porque ela enuncia a origem das coisas. Clarice Lispector não justifica em seu conto o mundo pelo ovo, mas assemelha o caminho seguido por sua personagem ao dos pré-socráticos não é descabido se tomarmos a experiência primitiva de ambos como caminho para um fazer filosófico inaugural. Tal como para os gregos, a vida se mostra à personagem sem amarras, não há pretensão de alcançar a beleza ou a verdade ou mesmo um impulso insaciável pelo saber, mas uma experiência de vida, um quê a ser vivenciado.

Apesar de discursar a respeito do ovo, ela não pretende compreendê-lo. A descoberta de que há, ali na cozinha, um ovo se dá como revelação ou epifania, repentino entendimento de algo anterior que não se manifesta no presente, é lembrança de uma ideia de ovo.

Segundo Quine (*apud* HEBECHE, 2008, p. 14), um aspecto curioso do problema ontológico é a sua simplicidade, ele pode ser formulado com a pergunta “O que há?”, cuja resposta é “Tudo”. Se Tales de Mileto formulou que tudo é água porque o mar era parte indissociável da vida do povo grego (HEBECHE, 2008, p. 23); se, a partir disso, dissermos que tudo é o mundo e as coisas, no caso da personagem de Clarice Lispector, a cozinha e a vida, com as quais ela se depara todos os dias, são esse tudo. O que a surpreende, então, é o comum e o cotidiano, imperceptíveis até ali.

Do mesmo modo que um grego anônimo, talvez antes mesmo de Tales de Mileto, tendo proposto a água como explicação, deve ter se perguntado, em algum momento de sua vida, o que era o sol, a personagem de Clarice Lispector se pergunta e dá demonstrações de já saber o que é ovo, porque lhe é comum, embora lhe falte, contudo, a essência. Como se seguisse o preceito de Delfos, a personagem busca conhecer a si mesma por meio do que há à sua volta. O conhecimento, como era para Parmênides (HEBECHE, 2008, p. 34), pode estar em um mundo extrassensível ao qual nós temos um acesso direto por meio do pensamento ou, como para Sócrates, pode ser acessado quando a alma se desliga do corpo (PLATÃO, p. 2004). Em Sócrates sabemos que a alma pensa melhor quando os sentidos não a perturbam, porque ela dispensa a companhia do corpo. Entretanto, a personagem de Clarice

constantemente se utiliza do verbo ver, como no seguinte trecho do início do conto (2015, p. 34): “Olho o ovo com um só olhar. Imediatamente percebo que não se pode estar vendo o ovo. Ver um ovo nunca se mantém no presente: mal vejo o ovo e já se torna ter visto o ovo há três milênios.” O primeiro contato com o ovo se dá com a visão, levando-nos a crer que, no início, ela não nega os sentidos, como propõe Sócrates.

Citando, com um lampejo de racionalismo, o cógito cartesiano, a personagem desse conto reconhece ter consciência a respeito do ovo porque ela mesma existe e, portanto, sabe; como no seguinte fragmento (2015, p. 34): “Será que sei do ovo? É quase certo que sei. Assim: existo, logo sei. O que não sei do ovo é o que realmente importa. O que eu não sei do ovo me dá o ovo propriamente dito”. O ovo e a personagem são compostos da mesma matéria e o que ela não sabe deste, a parte que lhe falta, é, analogamente, o que desconhece de si mesma.

O ovo não reside em outro universo distinto do nosso, ele é comum como o são as pessoas. Não à toa temos a repetição já evidenciada do verbo ver, como se reiterar, à maneira de um mantra, a palavra ovo, trouxesse a verdade. Se o grego viu o sol e em seguida o viu desaparecer com a chegada da noite, ela quis entender mais do que as coisas se lhe mostravam. Em uma das muitas conclusões a que chega, a personagem diz ser o ovo uma exteriorização (2015, p. 35): “Quem vê mais do que a superfície do ovo, está querendo outra coisa: está com fome”. Tal qual uma sombra projetada na parede da caverna do mito platônico, quando olhamos um ovo, não captamos sua verdade, talvez inacessível neste nosso mundo de sensações; assim como deus, o ovo é invisível a olho nu. Em outra conclusão, a personagem percebe, agora negando os sentidos, que se dedicar à visão do ovo seria morrer para a vida mundana, e ela precisa da gema e da clara. E como já mencionado a respeito de Sócrates, “a alma pensa melhor quando não tem nada a perturbá-la, nem a vista nem o ouvido, e concentrada ao máximo em si mesma, dispensa a companhia do corpo, evitando tanto quanto possível qualquer comércio com ele, e esforça-se por aprender a verdade” (PLATÃO, 2004, p. 11). A verdade talvez não se restrinja ao ovo, embora ela ainda tente imaginar sua origem — “um triângulo que se ovalou depois de tanto rolar no espaço, um jarro moldado pelos etruscos ou desenhado por um homem nas areias da Macedônia” (2015, p. 35) —, para em seguida se debruçar sobre a galinha e sua função para a existência do ovo.

3 Da galinha e o que ela esconde

A galinha não é apenas o receptáculo do ovo, é o seu disfarce. Este vive dentro da galinha para não ser chamado de branco, porque as pessoas que assim o denominam (de branco) morrem para a vida. Como uma espécie de conselho, um risco que corremos tal qual o de transcrever fora do contexto frases de Clarice Lispector, a personagem diz que não se pode chamar o ovo de galinha de “o ovo” somente, tanto quanto não se pode chamar um rosto bonito de “o rosto”, sob o risco, mais um, de esgotarmos o assunto. A resignação de tratar o ovo como ovo e não o ovo da galinha limita e nos amarra para a contínua busca pela verdade.

Segundo a personagem, o corpo da galinha é a maior prova de que o ovo não existe. É curiosa a resignação que surge da reflexão seguinte sobre o animal (2015, p. 36): “até mesmo a galinha não sabe que existe o ovo, se soubesse que carrega um ovo ela perderia seu estado de galinha”. Da mesma forma trágica com que Anaximandro (HEBECHE, 2008, p. 24) trouxe a ideia de um cosmos de indeterminação, a galinha vive o círculo das coisas que morrem e renascem; ela mesma nasce do ovo e o gera novamente. Como se nos dissesse que toda busca é em vão, que o importante é manter-se vivo, a personagem conclui considerando a sobrevivência uma luta contra a mortalidade. Novamente, Clarice nos remete ao pensamento socrático, percebendo a realidade como um cárcere e, embora a alma esteja aglutinada ao corpo, a protagonista se volta para o pensamento porque é por meio dele que se contempla a verdadeira natureza das coisas (PLATÃO, 2004, p. 43).

Ainda a respeito da galinha, esta vive como se estivesse num sonho, não tem senso da realidade nem sabe se explicar. Narrando os pensamentos da galinha, a personagem considera a ave consciente de que o erro está em si mesma, em sua vida. Assim como nós, a galinha tem muita vida interior, não domina nem controla o que é externo, age como se compreendesse sua condição, mas se desespera e grita escandalosamente quando está sob ameaça, fazendo de tudo para manter o ovo dentro de si intacto. O ovo/mundo é o mesmo que se originou na Macedônia, a galinha/nós é sempre a tragédia mais moderna. A ave não sabe do ovo em seu interior nem o reconhece fora de si. E, reiterando a condição anterior, nós somos jogados de volta para a caverna sombria cuja única nesga de luz projeta na parede somente suspeitas, descrente que somos de acreditar no pouco de verdade já vislumbrada.

4 Dos agentes do ovo

Depois de algumas elucubrações sobre o eu da galinha, a personagem se dá conta de que falou demasiado sobre a ave e se volta para o ovo, quebrando-o na frigideira e tentando ignorá-lo mais uma vez. Ela pega outro ovo e repete o procedimento de quebrar e fritar, buscando se esquivar dos questionamentos abordados até então. A protagonista renega o ovo com o propósito de protegê-lo e volta-se aos agentes do ovo, cuja missão é fazê-lo constituir-se por si mesmo; ela não nos detalha essa missão ou quem de fato, além dela mesma, são os agentes. A eles, nos diz ela, também são facultados prazeres, mas alguns deles se suicidam por considerar pouco ou sem nenhuma explicação o que lhes foi dado. Outro agente morreu por querer dizer a verdade, espécie de coragem que a narradora chama de tolice. Seriam os agentes do ovo os filósofos, aqueles que ousaram se aprofundar para além do óbvio e pagaram, tal como Sócrates, com a própria vida?

Ela se revela como incumbida de um emprego que a disfarça de sua verdadeira função de agente do ovo e volta a ser uma dona de casa, aproveitando o ócio para que o ovo se faça, mesmo se esquecendo dele. Assim como a galinha, ela é instrumento. Ao falar do ovo, ela se esquece que o mesmo se faz e, o esquecendo, ela pode viver apenas sua própria vida.

Esquecer o ovo como forma de protegê-lo não é por acaso. No caso de Ana, do conto “Amor”, presente em *Laços de família*, também de autoria de Clarice Lispector, algo efetivamente se rompeu. Enquanto voltava para casa, a protagonista vê os ovos que trazia se quebrarem após uma arrancada brusca do bonde. Antes disso, ela viu um cego mascando chiclete que a desestabilizou por completo. Como se segue do excerto (1998, p. 15):

O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas na rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão — e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir. Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou ao banco da frente, como se pudesse cair do bonde, como se as coisas pudessem ser revertidas com a mesma calma com que não o eram.

Diferente de Ana, e por recusar a reflexão que não encontra espaço neste universo de coisas práticas, a protagonista de *O ovo e a galinha* se ocupa com a frigideira, e ainda desconexa da realidade, chama pelas crianças e se dá conta de uma certa alegria emergindo do ato de viver. Assim, recusando o conformismo da morte ou a completa negação dos sentidos, podemos, como faz a personagem, recorrer a Nietzsche, para quem não é somente na desgraça

que se deve filosofar, mas antes na felicidade, na alegria ardente de uma idade adulta e vitoriosa (2008, p. 5).

No conto, o ovo é a gênese de algo, uma ebulição interior que nos impulsiona a tomar certeza da vida depois de muitas dúvidas; esse algo nasce como pergunta. Clarice Lispector, que deu vida a diversos personagens, inclusive galinhas, faleceu em 09 de dezembro de 1977 (2015, p. 101), em decorrência de um câncer no ovário.

5 Considerações finais

Ao discorrermos sobre o conto *O ovo e a galinha*, deparamo-nos a princípio em situação semelhante à de sua personagem, somos imersos naquilo que torna estranho o conhecido. Clarice Lispector, a exemplo do que fizeram os filósofos, caminha por um terreno fértil de significados ainda que os julguemos banais. O ovo torna-se a representação do que podemos conhecer, de uma verdade que pede para ser descoberta e posteriormente esquecida. Assim como a galinha que ignora a existência do ovo ou dos agentes do ovo que guardam seu segredo, a autora parece sugerir ao final que nos calemos, que a descoberta será sempre gestada e o ciclo nunca interrompido, que devemos ter fome e degustar o ovo porque ele não existe para outro propósito. E, a exemplo do que nos diz Nietzsche (2008, p. 6) sobre o povo grego, por consideração à vida, a personagem nos sugere que refreemos o impulso de saber, insaciável, e vivamos o aprendizado.

Referências

- AQUINO, Cleusa T. Suiter. *Existencialismo e visão existencial no conto “O ovo e a galinha” de Clarice Lispector*. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/viewFile/18125/17038>>. Acesso em: 16 fev. 2018.
- GONÇALVES, Matheus Toledo. *Notas sobre “O ovo e a galinha”*. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/humanidades/article/viewFile/113333/111285>>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- HEBECHE, Luiz Alberto. *Ontologia I*. Florianópolis: Filosofia/EAD/UFSC, 2008.
- LISPECTOR, Clarice. *A Legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2015.
- LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- MACHADO, Alexandre Bartilotti. *A galinha e o conhecimento do ovo: uma análise de Clarice Lispector a partir da epistemologia kantiana*. Disponível em: <http://gefelit.net/files/Anais_IV_p176_Alexandre_Bartilotti_Machado.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A filosofia na idade trágica dos gregos*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- OLIVEIRA, Maria Elisa de. *Clarice Lispector: um diálogo entre Filosofia e Literatura*. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/28217/S0101-31731988000100009.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 16 fev 2018.
- PLATÃO. *Fédon: diálogo sobre a alma e a morte de Sócrates*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- SIQUEIRA, Joelma Santana. *Uma discussão sobre o olhar do artista moderno na literatura e na arte*. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/complemento/JOELMA_SIQUEIRA.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2018.
- WISNIK, José Miguel Soares. *Iluminações profanas, profetas, drogados*. In. NOVAES, Aauto et al. O olhar.

Submetido em: 24/06/2016

Aceito em: 15/12/2019